



Uma experiência de Oficina Feminista, Classista e Popular

Carla MARTINS²
Catharina GOMES³
Renata MAMEDE⁴

No dia 13 de Dezembro de 2019, as Promotoras Legais Populares Libertárias de Jataí realizaram uma oficina denominada: “PLPs Jataí: uma experiência de extensão” no “Seminário Internacional O Direito como Liberdade: 30 Anos de O Direito Achado na Rua”, que aconteceu na Faculdade de Direito da Universidade de Brasília.

O intuito de nossa oficina foi suscitar a reflexão das mulheres ali presentes sobre o funcionamento de uma extensão que se utiliza da educação popular e que possui cunho feminista. Para isso, propomos apresentações e dinâmicas que possibilitaram uma maior integração e compartilhamento de saberes de todas as mulheres presentes. Fazendo uso de técnicas do teatro do oprimido, decidimos por conduzir o encontro dividindo-o em três partes: apresentação individual, aquecimento e uma atividade integrativa.

A fim de propiciar um ambiente confortável as mulheres antes mesmo de começarmos as apresentações, recebemo-las com músicas escritas, cantadas e feitas para mulheres. Conforme elas chegavam, pedimos para que se sentassem em roda, para que todas nós pudessemos enxergar umas às outras.

O primeiro momento foi de apresentação individual de cada participante, em uma dinâmica diferente da tradicional, uma vez que propusemos as seguintes perguntas a serem respondidas: 1) quem é você? 2) Como e onde se organiza? 3) Como o feminismo se apresenta na sua vida? Queríamos saber não apenas o nome daquelas mulheres e de onde eram, estávamos interessadas em compreender sobre como o tema de nossa oficina de alguma forma se apresentava para elas, se possuíam uma vida política de luta pelas mulheres, na compreensão do papel que exercem em seus respectivos espaços, e ainda como as ideias feministas (seja qual corrente acreditavam) impactam no cotidiano delas.

¹ Trabalho apresentado no GT4 • Direito, gênero e diversidade

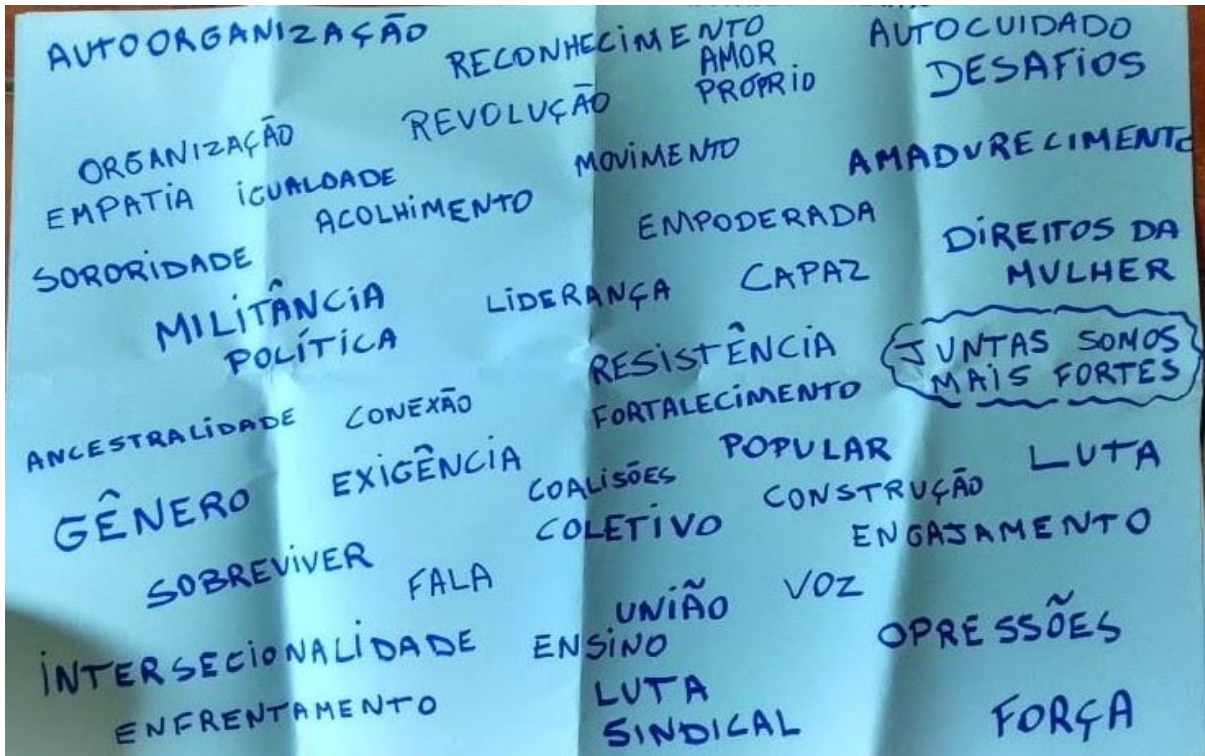
² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Direito, Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí. carla.benitez.martins@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Direito, Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí. catharinagomes@outlook.com.br

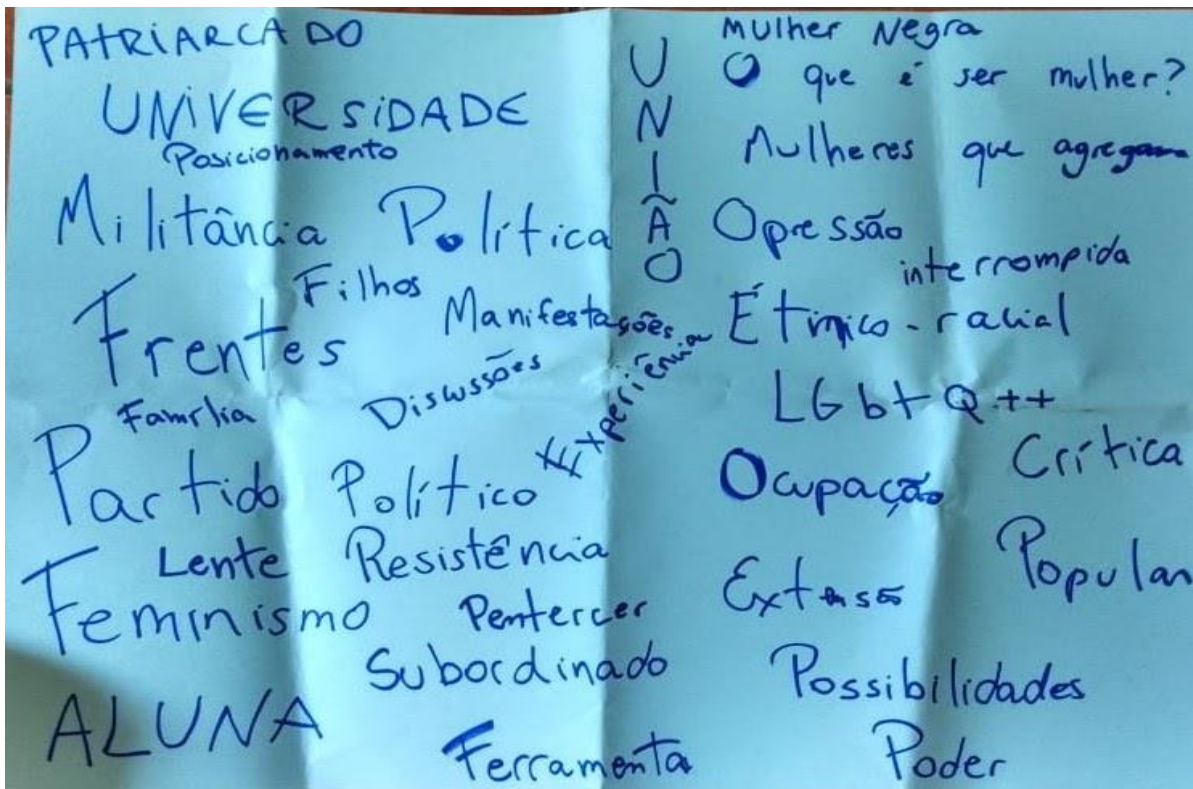
⁴ Graduanda do Curso de Psicologia, Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí. renatammamede@hotmail.com



Enquanto todas nossas histórias eram compartilhadas, duas oficinas anotavam palavras que se destacavam na fala de cada mulher. Ao final da apresentação, elas foram lidas ao grupo. O resultado é apresentado nas imagens que seguem:



Fonte: elaborada pelas autoras, 2019.



Fonte: elaborada pelas autoras, 2019.



No segundo momento, propomos um aquecimento através de exercícios corporais que tinham como intuito provocar espontaneidade e dinamicidade. Para isso, pedimos primeiramente que todas as mulheres se levantassem e começassem a andar de formas e jeitos diferentes: andar de olhos fechados; sempre olhando nos olhos de alguém; andar rápido quando uma oficinaira disser devagar e andar devagar quando disser rápido. Para o criador do teatro do primeiro, Augusto Boal, a caminhada é uma técnica de desmecanização, conforme diz:

A maneira de andar talvez seja a mecanização mais frequente, a qual todos nós estamos sujeitos. Apesar de termos nossa maneira própria de andar, mecanizada, a adaptamos conforme lugar e ocasião. Mudar nossa maneira de andar nos faz ativar certas estruturas musculares pouco utilizadas e nos torna mais conscientes do nosso próprio corpo e de suas potencialidades. (BOAL, 2007, p. 102)

Na segunda dinâmica, as mulheres foram convidadas a fazerem parte de um “círculo de nós” humano que tomou forma pelos nossos braços entrelaçados. A dinâmica também é uma proposta de jogos do teatro do oprimido, conforme explica Boal:

Os participantes formam um círculo, todos de mãos dadas, sem largar. Um dos atores começa a andar, puxando os outros (sempre lentamente, sem violência, com leveza) e passando por cima e por baixo das mãos dos companheiros a sua frente, de modo que façam um nó, depois outro e outros dois ou três, por cima e por baixo, até que todos façam todos os nós possíveis e que ninguém possa mais se mexer. Muito lentamente, em silêncio, eles tentarão voltar à posição inicial. (BOAL, 2007, p. 96)

Depois, foi proposto que formássemos uma máquina rítmica com nossos corpos que representassem a opressão, a educação formal e a educação popular. O processo ocorreu da seguinte forma: uma primeira pessoa foi ao centro da roda e fez um movimento repetitivo com seu corpo e um som, em seguida outra pessoa deveria se encaixar formando um novo movimento e som, uma terceira pessoa faria o mesmo e assim por diante. A máquina da imagem abaixo teve como tema a opressão de gênero, nela as participantes representaram a violência física, o silenciamento da mulher, a palavras de opressão, entre outras.

11-13
DEZ
2019

Seminário Internacional

O Direito como Liberdade

30 Anos de O Direito Achado na Rua



Fonte: elaborada pelas autoras, 2019

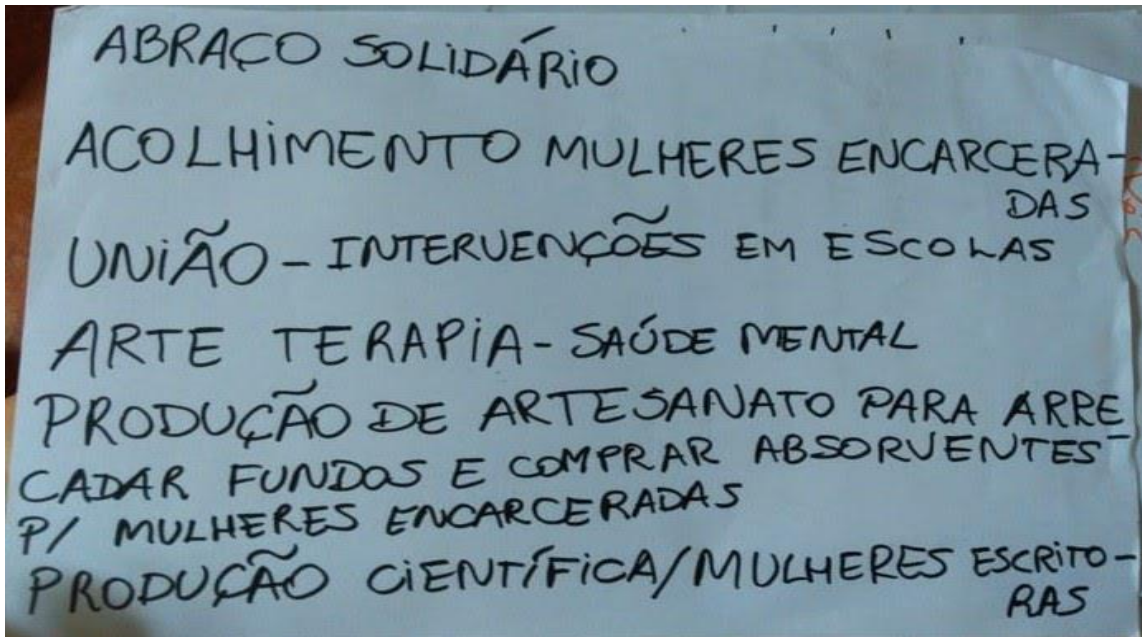
Para a parte final da oficina, dividimos as participantes em 3 grupos e propomos que fosse criado, em conjunto, um corpo que representasse uma extensão popular e feminista. Cada grupo criou uma parte desse “corpo”; suas mãos representavam quais ações poderiam ser feitas, os pés sinalizavam os espaços que esta extensão deveria frequentar, enquanto a cabeça proporcionaria as reflexões e os conceitos que deveriam guiar esse corpo. Nossa “extensão popular e feminista” foi criada em conjunto e cada grupo compartilhou seus ideais e os devaneios de sua criatividade ao desenhar e refletir.



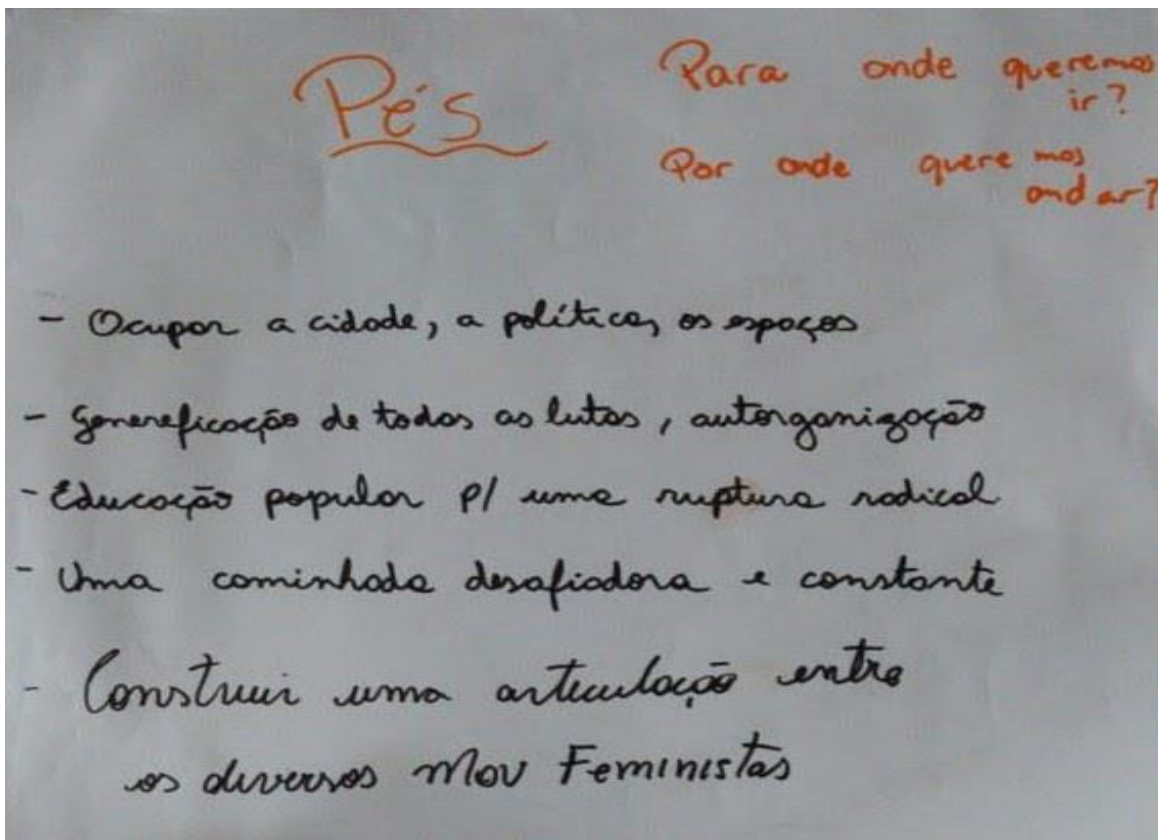
Fonte: elaborada pelas autoras, 2019

- pensar ideias subversivas
- prática Teoria prática
- construir o mês
- construir por suas vontades
- desconfiar, se cuidar: autenticidade
- compreender qual a pauta
- saber lutar as diferenças
- criar diversidade

Fonte: elaborada pelas autoras, 2019



Fonte: elaborada pelas autoras, 2019



Fonte: elaborada pelas autoras, 2019

11-13
DEZ
2019

Seminário Internacional

O Direito como Liberdade

30 Anos de O Direito Achado na Rua



Fonte: elaborada pelas autoras, 2019

Por fim, compartilhamos nossa história e nossos planos futuros para com a nossa própria extensão feminista: Plps Libertárias Jatai. Esse encontro de tornou bastante significativo para todas ali presentes, uma vez que conseguiu instigar reflexões e um compartilhamento aprofundado de conhecimentos e ideais.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.